

PRÓLOGO

Nenhuma obra literária exerceu tanta influência na cultura ocidental como a Bíblia. Sem um conhecimento, pelo menos elementar, dos seus relatos e das suas ideias de fundo, a história do Ocidente torna-se incompreensível, pois o devir dos seus movimentos religiosos, ideológicos e políticos esteve, de uma maneira ou de outra, em relação com ela. Uma grande parte da pintura, da música, da arquitetura e das artes cénicas da tradição ocidental é inspirada na Bíblia. Sem conhecer o que dizem as suas páginas seríamos incapazes, por exemplo, de entender o conteúdo de grande parte dos quadros do Museu do Prado; e, contudo, o desconhecimento da Bíblia cresce a passos largos nos nossos dias, inclusive entre pessoas de um certo nível cultural. Este livro que apresento é uma tentativa de contribuir para a difusão de um conhecimento básico da Bíblia, dirigido a todas as pessoas com vontade de aprender: não é necessária uma formação prévia para o ler.

A Bíblia é um monumento cultural gigantesco e um património da Humanidade. O estudo dos seus textos abarca uma grande quantidade de saberes: peritos em literatura, teologia, história e arqueologia trabalharam durante séculos para compreender melhor o que transmitem as suas páginas. Há eruditos especializados em recuperar antigos papiros que contêm fragmentos do texto bíblico ou que realizaram

inteligentes teses de doutoramento sobre questões filológicas relativas a um só versículo; todos os anos investem-se milhões de euros para escavar jazidas arqueológicas que possam iluminar algumas das suas passagens. Mas grande parte do imenso saber que é fruto destas investigações não está ao alcance do público não iniciado. A progressiva especialização que, como outras disciplinas, as ciências bíblicas experimentaram dificulta ainda mais que o leitor não profissional se possa munir destes conhecimentos básicos que permitem uma abordagem inteligente à Sagrada Escritura. Para ultrapassar esta dificuldade, propus-me reunir esses saberes mínimos que um apreciador da cultura deveria conhecer sobre este fascinante conjunto literário.

A minha aproximação à Bíblia, neste livro, reflete um ponto de vista cristão, pela simples razão de que o sou. Escrevo convicto da verdade e da relevância da Bíblia. Mas também estou persuadido de que para se ser crente não é necessário deixar de pensar; pelo contrário: a fé cristã é amiga da razão e foi geradora de cultura. No seguimento desta tradição, o presente livro pretende situar-se na confluência da fé e do saber científico.

Por vezes, os meios de comunicação noticiam que este ou aquele grupo fundamentalista – normalmente sediado nos Estados Unidos da América – nega, em nome da Bíblia, a existência dos dinossauros ou a teoria do *Big Bang*. Este tipo de interpretações é alheio à grande tradição da Igreja. A grande maioria dos cristãos lê hoje os textos da Bíblia tendo em conta que eles foram escritos de acordo com códigos culturais distintos e que nem sempre se pode fazer uma interpretação literal das suas afirmações.

No que diz respeito à Igreja Católica, o Concílio Vaticano II afirmou solenemente, em meados do século XX:

Para descobrir a intenção dos hagiógrafos [ou seja, os autores da Sagrada Escritura], devem ser tidos também em conta, entre outras coisas, os “gêneros literários”. Com efeito, a verdade é proposta e expressa de modos diversos, segundo se trata de gêneros históricos, proféticos, poéticos ou outros.¹

Mais recentemente, a Pontifícia Comissão Bíblica condenou a leitura fundamentalista da Bíblia no seu documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*². Mas esta luta contra as leituras indevidamente literais da Escritura não é uma coisa que tenha começado nos nossos dias. Já no século v, Santo Agostinho (354-430) se queixava dos cristãos que, com as suas interpretações à letra da Escritura, se tornavam ridículos aos olhos dos não-crentes. O grande teólogo de Hipona afirmava que os não-cristãos cultos, ao ouvir os «delírios» daqueles crentes fundamentalistas, «só podiam conter o riso. Não é mau que se riam daquele que erra, mas sim que cheguem a pensar que os autores bíblicos defendem tais erros e que, por isso, quando trabalhamos para a saúde espiritual das suas almas, eles nos critiquem e rejeitem como ignorantes»³.

Neste livro procuramos situar os textos bíblicos no género literário e no contexto cultural em que foram escritos, para assim evitar os disparates de que Santo Agostinho se lamentava há mais de mil e quinhentos anos. Além disso, temos à nossa disposição o imenso acervo de conhecimentos que os estudiosos da Antiguidade – historiadores, arqueólogos

¹ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a divina revelação*, 12.

² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, Cidade do Vaticano, 1993.

³ *Del Génesis a la letra*, I, 19, 39, em *Obras de san Agustín XV*, Madrid, 1957, 616-617.

e antropólogos – adquiriram nos dois últimos séculos. A partir do século XIX, o saber da Humanidade sobre as culturas do Médio Oriente antigo – no qual o Antigo Testamento foi gerado – e do mundo greco-romano – em que se escreveu o Novo Testamento – cresceu espetacularmente. Esta informação é crucial para o estudo da Bíblia, pois é imprescindível para a correta compreensão do que os seus autores quiseram dizer nos seus contextos históricos respetivos. A minha intenção é que tanto o leitor crente como o não-crente se possam munir de um enquadramento básico de conhecimentos históricos, literários e teológicos que lhes permitam adquirir uma visão de conjunto da Sagrada Escritura em que situem cada um dos seus livros. Espero, deste modo, não só enriquecer a compreensão da própria fé dos leitores cristãos mas também estimular um diálogo bem informado com as pessoas de outras confissões.

Uma das primeiras coisas que se ensina atualmente em qualquer curso de introdução à Bíblia é que, ainda que costume ser editada num único volume, ela não é um livro, mas uma biblioteca, um conjunto de obras de autores de épocas diferentes, com perspetivas culturais e teológicas diferentes. Mas esta biblioteca que é a Bíblia não consiste num conjunto de textos díspares coligidos sem mais, mas uma coleção cuidadosamente selecionada e ordenada segundo critérios específicos. Assim, apesar da diversidade de autores, épocas de composição, géneros literários e perspetivas teológicas, podemos adivinhar um fio condutor, um relato que começa com o Génesis e culmina no Apocalipse; um pouco como as séries televisivas que vão revelando a sua trama ao longo de várias temporadas, frequentemente rodadas por distintos realizadores: mostram-nos um argumento que se vai desdobrando lentamente, episódio após episódio.

A abordagem particular deste livro consiste precisamente em ajudar o leitor a perceber este relato que, como uma coluna vertebral, articula as diferentes partes da Bíblia. O motor que impulsiona qualquer relato é um desafio a superar ou um problema que pede uma resolução. No caso da Bíblia, o que move a sua narrativa é o maior dos mistérios: por que razão existe o mal? O relato que sustenta a coerência da Sagrada Escritura não é senão a resposta de Deus ao problema da injustiça, do sofrimento e da morte.

Uma descoberta surpreendente pulsa no coração do Antigo Testamento: a existência de um único Deus. A nós, ocidentais, pode parecer que esta ideia – que só há um Deus – é tudo menos original, mas isso é porque estamos imersos numa cultura que dá o monoteísmo por adquirido; inclusivamente, no mundo ocidental, os ateus não se definem por negar a existência de Zeus ou de Ísis, mas a do Deus único. No entanto, ainda que agora não o compreendamos, este monoteísmo a que estamos tão acostumados é uma raridade absoluta entre as religiões da Humanidade. No tempo de Cristo, a única nação sobre a Terra que acreditava num único Deus era o povo judeu; e se hoje existem outras duas religiões – o Cristianismo e o Islão – que partilham desta crença, é porque a receberam dos judeus. O monoteísmo de origem bíblica, abraçado hoje por três mil milhões de judeus, cristãos e muçulmanos, é um fenómeno absolutamente único na história da Humanidade. Nós, crentes, pensamos que esta originalidade se deve ao facto de ter sido o próprio Deus que revelou este segredo acerca do seu ser aos descendentes de Abraão.

A afirmação de que existe um Deus único e bom agudiza o problema do mal. Se os deuses forem muitos e não necessariamente bons, então podemos concluir que o mal

pertence simplesmente à ordem deste mundo. É certo que os politeístas, como os monoteístas e os ateus, não gostam de sofrer, mas o mal não supõe para eles uma dissonância cognitiva: as coisas são, simplesmente, assim. É a afirmação de que existe um Deus único, todo-poderoso e bom que converte o mal num problema. A resposta da Bíblia ao questionamento sobre a injustiça, o sofrimento e a morte não é uma reflexão filosófica sofisticada, mas um relato: o da história da Salvação. O mal existe, mas não tem justificação. Por isso, Deus vai eliminá-lo da Terra. O relato desta ação de Deus começa no Génesis com a vocação de Abraão: o Senhor estabelece com este homem e a sua família uma relação pessoal na qual se vai dando a conhecer. O seu plano é que estes homens e mulheres, ao conhecerem quem é o Criador, possam restabelecer uma relação harmoniosa com os outros seres humanos e com toda a Criação. Nos seus textos narrativos, o Antigo Testamento conta a história dos descendentes de Abraão: o povo de Israel. Alguns livros escritos em outros géneros literários recolhem a sabedoria, a poesia e a profecia que esta aventura foi gerando ao longo dos séculos.

A fé cristã confessa que esta história da revelação do Deus único culminou em Jesus e que com Ele podemos contemplar o próprio rosto do Transcendente. Cada um dos livros do Novo Testamento é testemunho das ondas concêntricas que o impacto desta incrível notícia teve na Terra. A resposta definitiva de Deus à violência e à morte é a Ressurreição de Cristo: n'Ele contemplamos as primícias de uma nova Humanidade, cuja realização plena é-nos permitida vislumbrar no Apocalipse.

Acreditar em Deus é um ato profundamente íntimo e pessoal, que nunca pode ser forçado. Mas “pessoal” não é o mesmo que “individualista”, pois, para sermos plenamente

pessoas, precisamos dos outros. No ato de crer descobrimos que somos convidados, sempre em conjunto com os outros, a participar numa aventura, a que Deus iniciou quando chamou Abraão para que saísse da sua pátria – e que é o conteúdo do Antigo Testamento. Ser cristão consiste em confessar que esta história alcançou o seu zénite na morte e na Ressurreição de Jesus. Por isso, a fé cristã não é assentir a uma série de verdades eternas, constituídas fora do tempo, mas participar de forma ativa numa história concreta: consiste em fazer nosso o relato da Bíblia, em encontrar nele o nosso lugar e a nossa missão.

A Bíblia é para nós, crentes, num sentido fundamental, a nossa história. Num outro sentido, também faz parte da história dos que partilhamos uma cultura que, com o calor da fé, ressurgiu das cinzas do mundo antigo, no Ocidente europeu, durante os séculos da Idade Média. Sem mais delongas, convido-vos a iniciar uma viagem através das suas páginas, numa dupla trajetória, tal como a Bíblia está dividida: em Antigo e Novo Testamento. Ambos são testemunhas do assombro de homens e mulheres que afirmam ter sido chamados pelo Criador. Espero que, juntos, possamos, também nós, entrar em contacto com este Mistério cuja revelação desencadeou a maior aventura que o ser humano pôde imaginar.